

# UM CADERNO PARA AS IDEIAS NA EDUCAÇÃO DO REINO ENCANTADO DE ÚRUTAI

## SONHOS DE ANTONIETA

Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita (Orgs.)



# UM CADERNO PARA AS IDEIAS NA EDUCAÇÃO DO REINO ENCANTADO DE ÚRUTAI

## SONHOS DE ANTONIETA

Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita (Orgs.)



Um caderno para as ideias na Educação do Reino encantado  
de Urutaí: sonhos de Antonieta

1ª Edição – Junho de 2023

DOI: <https://doi.org/xxxxx>

**Organizadores:** Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita

**Edição e Capa:** Ruan Rocha Mesquita

**Imagens:** Inteligência Artificial Microsoft Bing Creator

**Revisão Ortográfica:** Antônia Glosvalda Olinda Braga Correia

**Apresentação:** Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita

**Prólogo:** Grassyara Pinho Tolentino

**Prefácio:** Dolores Fernández Malanda, Carmen Palmero Cámara e  
Alfredo Jiménez Eguizábal

**Posfácio:** Regiani Magalhães de O. Yamazaki

Associação Internacional de Pesquisa na Graduação - AINPGP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Um caderno para as ideias na Educação do Reino encantado de Urutaí: sonhos  
de Antonieta [livro eletrônico] / organização Daniel Valério Martins, Ruan  
Rocha Mesquita. -- 1. ed. -- Cajazeiras/PB: Edições AINPGP, 2023.

ISBN xxxxxx

1. Aprendizagem - Metodologia 2. Educação 3. Educação superior - Brasil 4.  
Estudantes universitários - Orientação 5. Universidades e escolas  
superiores - Brasil I. Martins, Daniel Valério. II. Mesquita, Ruan Rocha.

23-144127

CDD-371.425

Índices para catálogo sistemático: 1. Estudantes universitários: Vida  
acadêmica: Educação 371.425

XXX XXX XXX - Bibliotecário - CRB-XXX

Copyright © 2023 AINPGP e autores

Todos os direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou  
reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos  
mecânicos, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização por  
escrito dos autores do livro.



Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, S/n  
Populares, Cajazeiras - PB, CEP: 58900-000

<https://ainpgp.org/>

# **INSTITUIÇÃO**

Associação Internacional de Pesquisa na Graduação – AINPGP

## **DIRETORIA**

Prof. Dr. Alexandre Martins Joca (Presidente)

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup>. Elzanir dos Santos (Vice-Presidente)

Prof. Me. Willyan Ramon de Souza Pacheco (Secretária)

Anna Catarine Amaral – Graduanda (Suplente de Secretário)

Prof<sup>ª</sup> Me. Francicleide Cesário de Oliveira (Tesoureira)

Alzira Bruceleide Alves Dias - Graduanda (Suplente de Tesoureira)

## **CONSELHO EDITORIAL (NACIONAL E INTERNACIONAL)**

Prof. Dr. Afonso Welliton de Sousa Nascimento (UFPA)

Prof. Dr. Allan Solano Souza (UERN)

Prof. Dr. Alexandre Augusto Cals de Souza (UFPA)

Prof. Dr. Alexandre Martins Joca (UFCEG)

Prof. Dr. Benedito Gonçalves Eugênio (UESB)

Prof. Dr. Bertulino José de Souza (UERN)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ciclene Alves da Silva (UERN)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristiane Maria Nepomuceno (UEPB)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Diana Paula de Souza Rego Pinto Carvalho (UERN)

Prof. Dr. Eduardo Jorge Lopes da Silva (UFPB)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elzanir dos Santos (UFPB)

Prof. Dr. Ernando Arraias Junior (UFERSA)

Prof. Dr. Fernando Gil Villa (USAL y ABS-USAL/Espanha)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Franselma Fernandes de Figueirêdo (UFERSA)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Francicleide Batista de Almeida Vieira (UFRN)

Prof. Dr. Giann Mendes Ribeiro (UERN)

Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza (UERN/FAPERN)

Prof. Dr. Glaydson Francisco Barros de Oliveira (UFERSA)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Kássia Mota de Sousa (UFCEG)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria da Paz Cavalcante (UERN)



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Eliete de Queiroz (UERN)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivana de Oliveira Gomes e Silva (UFPA)  
Prof. Dr. Ivanildo Oliveira dos Santos (UERN)  
Prof. Dr. José Amiraldo Alves da Silva (UFCG)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra (UERN)  
Prof. Me. Luis Filipe Rodrigues (Universidade de Santiago/Cabo Verde)  
Prof. Dr. Luís Tomás Domingos (Moçambique/ UNILAB/ Brasil)  
Prof. Dr. Marcelo Vieira Pustilnik (UFSM)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Socorro Maia F. Barbosa (UERN)  
Prof. Dr. Miguel Henrique da Cunha Filho (UERN)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Racquel Valério Martins (ABS-USAL/Espanha)  
Prof. Dr. Renato Alves Vieira de Melo (ABS-USAL/ Espanha)  
Prof. Dr. Rosalvo Nobre Carneiro (UERN)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra Meza Fernández (Universidade do Chile/Chile)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão (UEPB)  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Simone Cabral Marinho dos Santos (UERN)

A compilação de responsabilidade assumida pelos autores foi validada pelo processo de revisão fechada por pares, ou seja, os manuscritos científicos passaram pelo crivo avaliativo do CONSELHO EDITORIAL, a fim de garantir a credibilidade da produção, já que a AINPGP, por seu comprometimento com os conteúdos da ciência, toma por preceito ético o atendimento das normas para publicação determinadas pela CAPES.

# SUMÁRIO

|                                                                             |           |
|-----------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>Apresentação.....</b>                                                    | <b>5</b>  |
| Daniel Valério Martins,Ruan Rocha Mesquita                                  |           |
| <b>Prólogo .....</b>                                                        | <b>9</b>  |
| Grassyara Pinho Tolentino                                                   |           |
| <b>Prefácio.....</b>                                                        | <b>11</b> |
| Dolores Fernández Malanda, Carmen Palmero Cámara, Alfredo Jiménez Eguizábal |           |
| <b>1. O Reino distante.....</b>                                             | <b>17</b> |
| José Manuel de Azevedo Pedrosa                                              |           |
| <b>2. Os gêmeos.....</b>                                                    | <b>22</b> |
| Júlio Rafael Assunção de Faria                                              |           |
| <b>3. Cuidados especiais .....</b>                                          | <b>30</b> |
| Pedro Caldas Peixoto                                                        |           |
| <b>4. Os rumores .....</b>                                                  | <b>34</b> |
| Lauriely Alves da Silva                                                     |           |
| <b>5. O inventor.....</b>                                                   | <b>39</b> |
| Eliseu Fernandes Correa                                                     |           |
| <b>6. A família do “B” .....</b>                                            | <b>46</b> |
| Higor Henrique Brito Pacheco                                                |           |
| <b>7. A visita .....</b>                                                    | <b>57</b> |
| Kainã Caixeta                                                               |           |
| <b>8. A maldição .....</b>                                                  | <b>66</b> |
| Larissa Giovanna Pereira de Lima                                            |           |
| <b>9. O falso feiticeiro .....</b>                                          | <b>69</b> |
| Victor Hugo Lopes de Castro                                                 |           |
| <b>10. Problemas na Educação .....</b>                                      | <b>74</b> |
| Vinícius dos Reis Paiva                                                     |           |
| <b>11. A longa jornada.....</b>                                             | <b>77</b> |
| Amanda Rodrigues de Almeida                                                 |           |
| <b>12. O último pedido .....</b>                                            | <b>82</b> |

Emmanuel Braga do Nascimento

|                                                    |            |
|----------------------------------------------------|------------|
| <b>13. O regresso.....</b>                         | <b>86</b>  |
| Nicolas Dias de Melo                               |            |
| <b>14. Este é o nosso Rei.....</b>                 | <b>89</b>  |
| Yasmim de Oliveira Moreira                         |            |
| <b>15. Sonhos realizados .....</b>                 | <b>93</b>  |
| Lucas Marques Guimarães                            |            |
| <b>Comentários sobre a obra .....</b>              | <b>96</b>  |
| <b>Comentário 1.....</b>                           | <b>96</b>  |
| Adriele do Nascimento Melo                         |            |
| <b>Comentário 2.....</b>                           | <b>98</b>  |
| Luz del Alba Rincón Méndez                         |            |
| <b>Comentário 3.....</b>                           | <b>100</b> |
| Vinicius Martins Varella, Henrique Martins Varella |            |
| <b>Comentário 4.....</b>                           | <b>103</b> |
| Silvania Márcia Bezerra Viana                      |            |
| <b>Comentário 5.....</b>                           | <b>104</b> |
| Racquel Valério Martins                            |            |
| <b>Comentário 6.....</b>                           | <b>108</b> |
| Euzelene Rodrigues Aguiar                          |            |
| <b>Comentário 7.....</b>                           | <b>111</b> |
| Gicelma Chacarosqui                                |            |
| <b>Comentário 8.....</b>                           | <b>113</b> |
| Daniel Junior de Oliveira                          |            |
| <b>Comentário 9.....</b>                           | <b>115</b> |
| Rosângela Soares Xavier                            |            |
| <b>Posfácio .....</b>                              | <b>118</b> |
| Regiani Magalhães de O. Yamazaki                   |            |
| <b>Sobre os autores .....</b>                      | <b>120</b> |
| <b>Sobre os organizadores .....</b>                | <b>122</b> |

## APRESENTAÇÃO

Iniciamos esse texto com uma frase que ecoou em nossas mentes durante a Semana Pedagógica do IF Goiano do Campus de Urutaí no momento da mostra dos resultados do trabalho realizado a várias mãos entre os alunos das disciplinas de Relações étnico-raciais dos cursos de Química e Educação Física com os alunos do PPGNEB da disciplina de Dissertação: do curso 2022.2, “enquanto alguns fazem provas, vocês fazem livros”.

Essa frase foi dita no momento da apresentação do primeiro conto colaborativo realizado por todos os alunos dos cursos mencionados anteriormente, “Um Caderno para as ideias de um jovem do IF Goiano que quer mudar o mundo”.

Ao ouvir a frase, nos remeteu a várias reflexões sobre a importância de um repensar das práticas pedagógicas, de sistemas de avaliação que realmente venham a contribuir com os alunos e uma conscientização na formação enquanto futuros profissionais da educação. Essa ideia parte de uma

teoria em desenvolvimento chamada de “Avaliação Materializada”. Onde o fruto de avaliações em formatos de textos, uma vez publicados serão levados por toda a vida nos currículos desses alunos.

A ideia central na construção dos contos parte de dinâmicas de grupo e técnicas pedagógicas como a contação de histórias, calcadas em autores como: Antoine de Saint-Exupéry; Jérôme Ruillier; Rubem Alves e Machado de Assis.

As dinâmicas partem de interpretações de frases de contos como o Pequeno Príncipe e o conto *Por quatro esquinitas de nada*, depois posta em prática com discussões sobre a moral das histórias. No caso desse novo material que vem a luz, somam-se às ideias de leituras de obras como o Conto de Escola, de Machado de Assis, e da obra *Estórias para quem gosta de ensinar*, quando Rubem Alves elabora uma antologia de histórias e entre elas várias chamadas de o País dos dedos gordos.

Surge então a Coleção Cadernos de Ideias para Mudar o Mundo, e esse volume agora apresentado

“Um caderno para as ideias na Educação do Reino Encantado de Urutaí: sonhos de Antonieta”, foi escrito pelos(as) alunos(as) da disciplina de Educação Inclusiva, Diversidade e Cidadania do 3º período do curso de Educação Física noturno.

A coleção agrupa contos que mostram as preocupações sobre o desenvolvimento humano por meio da Educação.

A princípio a roupagem que vemos são de contos infantis, com personagens como reis, rainhas, príncipes e princesas, além de arautos, magos, feiticeiras e outros com títulos de nobreza, mas o que está implícito é uma carga de questionamentos, políticos, sociais, econômicos e culturais com a missão de desvelar os problemas do reino e quiçá possam contribuir com a mudança do mundo por meio da Educação.

Cada turma do período de 2023.1 (das disciplinas de Relações Étnico-raciais de química, Educação inclusiva, Diversidade e Cidadania da Educação Física e do PPGNEB) foi responsável por um dos



volumes da coleção, e cada um mostra problemas visíveis em nossa sociedade, que são propagados e multiplicados pela falta de interesse de alguns governantes em promover o que está estabelecido por lei “a Educação como um direito de todos e dever do Estado e da Família”.

Esperamos que essas obras possam contribuir com reflexões acerca de nossas práticas pedagógicas e sirva de um modelo que possa ser replicado, transformando os alunos “feitores de provas” em alunos “escritores e pesquisadores” dos problemas sociais e culturais de seus entornos.

**Daniel Valério Martins**  
**Ruan Rocha Mesquita**  
**Organizadores**

## PRÓLOGO

Um caderno para as ideias na Educação do Reino encantado de Urutaí: Sonhos de Antonieta, obra organizada por Daniel Valério e Ruan Rocha, tendo como autores os graduandos do curso de Educação Física do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí, revela um modo inovador de produzir conhecimento sobre a temática da diversidade, inclusão e cidadania.

A formação do professor Daniel em pedagogia e antropologia, além das suas experiências nacionais e internacionais com a temática da diversidade, permitiu essa ressignificação estética, metodológica e conceitual no curso de Educação Física; promovendo uma educação compreensiva, que não só gerou esta bela obra, como também, permitiu a expressão artística dos alunos.

A obra, além de narrar uma história cheia de reviravoltas, ainda expressa os preconceitos, as dificuldades e as barreiras sociais enfrentadas por pessoas com deficiências. Para além do posicionamento social, o enfrentamento da realidade

escolar, da inclusão e da cidadania, é tratado de forma sutil, e posto como uma solução inquestionável para salvar um Reino, governado por um Rei que aprendeu a “ver”, na diversidade e no respeito, a melhor forma de governar.

A beleza do livro, a elaboração coletiva e um enredo cativante e surpreendente, incentivam a leitura a cada capítulo, mas além disso, empolgam a “alma de professor”, ao ver a amplitude dessa ação formativa, elaborada pelo professor Daniel num período tão curto, mas significativo, da sua atuação docente.

O convite a fruição da leitura supera o aprendizado sobre a temática e alcança o encantamento pelo produto, pelo processo e pela experiência provocada nos alunos, e em nós leitores!

**Grassyara Pinho Tolentino**  
**Coordenadora do Curso de Bacharelado e**  
**Licenciatura em Educação Física**  
**Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí**

## PREFÁCIO

Uno de los rasgos que mejor definen una educación plenamente moderna es el equilibrio en todos sus campos de actuación entre conocimiento y emoción, cuyos valores respectivos no siempre han sido reconocidos, ni sus fronteras e interacciones respetadas. Ello, tanto dentro como fuera de las aulas, donde durante mucho tiempo se ha priorizado el conocimiento y no se ha prestado la debida atención a los aspectos emocionales.

Pero si tuviéramos que identificar un campo concreto en el que la redefinición de fronteras entre competencias cognitivas y emocionales se percibe con una intensidad más especial, ese es el ámbito del cuento y de la ficción. En la infancia, realidad y ficción mantienen una buena convivencia y relación muy estrecha. Pero la escuela, de modo reiterado y no siempre pacífico, se ha encargado de distanciarlas, y es la realidad la que parece volver a poner, una y otra vez, a la ficción al borde del abismo, menospreciando su valor como mediación para repensar e interpretar

la realidad.

Um caderno para as ideias na Educação do Reino encantado de Urutaí: Sonhos de Antonieta tiene el mérito especial de llamar la atención sobre los aspectos emocionales en educación y el valor del cuento, cargado de semántica, como herramienta educativa. Fruto del trabajo colectivo de estudiantes de Educación Inclusiva, Diversidad y Ciudadanía del tercer periodo del curso de Educación Física nocturno y bajo la coordinación de los profesores Daniel Valério Martins y Ruan Rocha Mesquita se presentan 15 cuentos. En cada uno de ellos los dominios cognoscitivo, práctico y evaluativo de la realidad interactúan, invitan a la experimentación de conceptos e ideas libremente elegidas y son susceptibles de encarnarse en experiencias y vivencias autónomas. El atractivo especial de cada cuento está en las interacciones que suscita entre subjetividad y colectividad, sin caer en el ilusionismo consistente en hacer desaparecer los hechos, también en su potencial para crear, desarrollar

competencias y construir identidades individuales y sociales. Competencias que es necesario alcanzar para moverse con éxito entre los condicionamientos de una sociedad compleja, incierta y ambigua. El cuento no es ningún espíritu vagabundo, sino un sistema de conceptos y acciones en la que todos hemos de poder decidir, al menos en alguna medida.

Cada cuento no es descanso, sino proyecto; no es compensación, sino autorrealización. Es libertad para construir una identidad personal propia. No es, tampoco, una práctica escolar sin importancia, antes bien, se configura como una propuesta más o menos ordenada de saber y hacer -de saber hacer- con el sentido vital específico que cada educando le atribuye libre y personalmente. Es también, finalmente, una experiencia valiosa, un espacio y un tiempo donde el estudiante descubre y cultiva sus deseos de realizarse autónomamente, lo que no significa aisladamente, sino también comunitariamente.

Además, una visión conjunta de los cuentos nos

confirma que la imaginación no se agota en un solo cuento, ni en una sola actividad. Más bien se vehicula, como magistralmente plasma la obra que presentamos, en constelaciones de cuentos, cuya configuración, naturaleza, interacción y peso relativos en cada proceso educativo se puede ir reajustando a lo largo de su reinterpretación en el aula y fuera de ella, modulando las experiencias de enseñanza-aprendizaje de acuerdo a factores, internos y externos, tan diversos como puedan serlo los cambios en el contexto social y educativo, las variaciones curriculares y las peculiaridades y aspectos diferenciales de cada estudiante.

Sin embargo, el potencial creativo de los cuentos se encuentra con límites muy severos para prosperar en la praxis escolar. Y por ello esta obra alcanza mayor mérito. En su trasfondo se subraya un cierto sentimiento de inconformismo, un marcado deseo de organizar el trabajo escolar de otro modo, de construir una escuela con futuro, inclusiva, donde el cultivo de los aspectos emocionales contribuya

decisivamente a respetar la subjetividad y a reconocernos en el otro, promoviendo la inter y la tansculturalidad.

Las positivas cualidades de la obra deben atribuirse directamente a los autores y a los coordinadores, a los que conocimos al iniciar su carrera investigadora y en quien ya entonces destacaban dos rasgos de su personalidad. Por un lado, el interés por la educación y el porvenir de la escuela, hasta el punto de adoptarla como referente de conducta y desarrollo profesional y, por otro, una dedicación sin límites a la microetnografía y la mesoaxiología como vehículos idóneos para innovar realidades antropológicas, sociales y educativas. Y en esta obra se pueden apreciar nítidamente estos dos rasgos. Son dos maestros ejemplares en el más amplio y profundo sentido de la palabra.

La presentación de un libro tiene como objetivo principal animar a su lectura, suscitando curiosidad e impaciencia por iniciar cuanto antes la aventura. Por eso, con la voz prestada del propio cuento afirmamos



la bondad de su existencia y su contribución a mantener a los y las escolares siempre despiertas a la inventiva, lo que sin duda anticipa la llegada de nuevos tiempos de esplendor en una sociedad más justa e inclusiva.

**Dolores Fernández Malanda  
Carmen Palmero Cámara  
Alfredo Jiménez Eguizábal  
Professores da Universidad de Burgos**

# UM CADERNO PARA AS IDEIAS NA EDUCAÇÃO DO REINO ENCANTADO DE URUTAI: SONHOS DE ANTONIETA

*“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”*

*Paulo Freire, Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.*



## 1. O REINO DISTANTE



Era uma vez um reino bem distante, chamado Reino de Urutaí, situado nas montanhas. Tem uma pequena população, de 3 mil habitantes. Neste reino estão castas bem demarcadas, tem a nobreza, o alto e baixo clero e a burguesia.

Como o Reino de Urutaí é um lugar bem distante, ele próprio é autossuficiente, com sua comida, água potável, mão de obra, saúde, entre outros elementos.

O reino de Urutaí tem uma família monarca, que está no poder há muito tempo, entre eles tem o rei e

a rainha. O Rei se chama Arthur, ele tem uma bela esposa, a Rainha Lucineide, os dois governam o reino, e a população, que inclusive gosta muito deles. Eles pretendem ter um filho, pois um dia precisarão de um herdeiro para o trono.



Porém a rainha não consegue engravidar, já tentaram várias e várias vezes, já foram às parteiras para tentar descobrir algo e não descobriram, foram à igreja para rezar, mas também não adiantou.

Após 10 anos, com 40 anos de idade, em um dia chuvoso a rainha Lucineide descobriu que estava grávida. E foi a melhor notícia que o reino já teve, Arthur foi o primeiro a saber da notícia, quando soube chorou, gritou, sorriu de tanta felicidade, quase desmaiou. Com as mãos para cima ele gritou.

— Eu vou ter um filho!!!



A barriga da rainha ao longo do tempo estava bem grande, os familiares e a população falavam que ia ser

um bebê grande e saudável, uns falavam que ia ser um príncipe e outros uma princesa, pois naquela época não sabiam qual ia ser sexo do bebê.

O tempo passou e chegou o grande dia do nascimento. Com todos os preparativos, com as parteiras apostas, começou o trabalho de parto, com muita dificuldade ela teve um bebê, mas, para a surpresa de todos tinha outro, eram gêmeos!



Um casal! Os pais ficaram apaixonados naqueles

bebezinhos. Babando em cima deles de tanto amor.

***José Manuel de Azevedo Pedrosa***



## 2. OS GÊMEOS



Ainda surpresos com o feliz acontecimento, rei Arthur e rainha Lucineide decidem nomear o filho de George e a filha chamaram-na de Antonieta.

O rei decide então fazer uma grande proclamação ao seu reino:

— Meu povo Urutáino, venho dar uma belíssima notícia, meus filhos são gêmeos, um menino e uma menina que se chamam George e Antonieta. E por esse belo acontecimento, proclamo três dias de festas.

O reino ficou feliz com a notícia, pois gostavam de vossas majestades, e ficaram mais ainda com os três dias de festas.

O reino estava uma loucura, os preparativos a todo vapor. Os mensageiros iam e vinham com os convites. Os escrivães preparavam convites para

vários reinos vizinhos, como o Reino de Ipameri, o Reino de Pires do Rio e o Reino de Palmelo.

Alguns dias depois aconteceu a grande festa, todos os reis vizinhos vieram e festejaram com a população de Urutaí. A festa foi muita animada e contou com várias atrações. Em uma atração, um domador de leões enfiou a mão na boca de um leão e para desespero de muitos, felizmente nada aconteceu.



Um ano mais tarde, George e Antonieta estavam



rastejando por todo o castelo. Antonieta se arriscava às vezes e tentava se equilibrar em pé, no entanto, o desafio ainda era grande, caía e seguia rastejando novamente, como se nada tivesse acontecido. Seu irmão não seguia as suas aventuras e rastejava aos poucos, quando se aventurava em percorrer caminhos mais longos, se chocava com móveis ou até mesmo, nas paredes.



Em uma tarde, a rainha Lucineide se arrumou para

tomar seu chá com suas amigas, como costumava fazer toda semana. Era um encontro rotineiro que não ousava perder, pois gostava de sair do castelo. No entanto, nesse dia, como estava feliz com o progresso de seus filhos, por estarem rastejando, levou George e Antonieta. Queria mostrar às suas amigas como as crianças estavam.

Helen, Cristine e Elizabeth elogiaram, pegaram no colo e apertaram as crianças quando as viram. Antonieta não gostou das amigas de sua mãe, esperneou, porque queria viver suas aventuras no chão. Ao contrário, George se sentiu confortável no colo.

Lucineide contava as histórias sapecas de seus filhos, mas pára repentinamente para socorrer George, que bateu a cabeça na mesa. Cristine olhava atentamente os seus comportamentos e decide perguntar se aquilo acontecia com frequência, então a rainha responde com sinceridade:

— Sim, ele costuma bater nos móveis, às vezes quando lhe entrego algo em sua frente, ele não pega.

Sua amiga diz:

— Deveria levá-lo no curandeiro, isso não é normal. Uma prima minha teve uma filhinha que tinha essas mesmas situações e o curandeiro disse-lhe que era cega.

A rainha olhou para Cristine perplexa, não gostando nada daquela conversa e decide ir embora, pois já era tarde.

Mais tarde, já na cama, Lucineide não conseguia dormir de modo algum. Seus pensamentos afluíam sobre o que Cristine havia dito. Pensava: — “Meu filho não pode ser cego, não, não, não. Mas e se for verdade?”

De manhã, a Rainha Lucineide não conseguiu dormir com todos aqueles pensamentos e estava decidida, iria levar George ao curandeiro, porque queria saber se realmente ele era cego.

Sendo assim, a rainha pede à sua dama de companhia que avise ao cocheiro para arrumar sua carruagem que ela irá sair. A mulher atende ao seu pedido imediatamente.

O cocheiro pergunta:

— Aonde vamos, majestade?

— Ao curandeiro. Diz a rainha.

—Aconteceu algo com o Príncipe George, majestade? Replicou o cocheiro percebendo que George estava no colo da rainha.

— Não lhe interessa e ande rápido! Respondeu a rainha rispidamente.



O cocheiro obedeceu prontamente e sem dizer

mais nada, pois percebeu que era um assunto pessoal.

Em um instante, a carruagem chegou ao Curandeiro. A rainha desceu sem dizer uma palavra e entrou rapidamente.

O curandeiro, um pouco surpreso com a situação, pois não lhe era muito frequente ver o rei ou a rainha, disse a ela:

— Posso lhe ajudar?



— Creio que sim. Meu filho, queria saber se ele é cego.

O homem pega George no colo, olha em seus olhos e com suas mãos abre as pálpebras. Avalia-o atentamente por uns minutos. A rainha angustiada, pois o tempo parecia que parara para ela e perguntou:

— Ele é cego?

O curandeiro olha o rosto da rainha silenciosamente. Fica um ar de suspense por um tempo e diz.

— Sim, ele é. Demorei para perceber. Isso se deve porque George tem manchas brancas bem claras, quase imperceptíveis a olho nu, que atrapalham sua visão.

***Júlio Rafael Assunção de Faria***



### 3. CUIDADOS ESPECIAIS



Ao receber essa terrível notícia, a rainha Lucineide se senta lentamente em uma cadeira suja e empoeirada no canto da sala e com o olhar para o horizonte a rainha fica um bom tempo em silêncio. A rainha era conhecida por ser uma mulher forte e sem medo de nada. Mas, com aquela notícia que caiu sobre suas costas ela se tornou por um momento frágil e extremamente vulnerável.

O curandeiro com o príncipe no colo não indagou absolutamente nada, respeitando aquele momento de dor e angústia que a rainha passara naquele momento. Passado o susto, a rainha se levanta e pega o príncipe no colo do curandeiro e diz:

— Não espalhe para ninguém essa notícia sobre essa condição do meu filho. Se alguém souber custará a sua cabeça.

O curandeiro assustado com a forma que a rainha falara com ele só balançou sua cabeça e disse:

— Seu segredo estará seguro, majestade.

Ao sair da casa do curandeiro, o cocheiro abre a porta da carruagem e a rainha entra com um ar de assustada. Ele sabia que algo de errado estava acontecendo com o príncipe.

— Majestade, está tudo bem com o príncipe? Perguntou o cocheiro com um ar de curiosidade.

— Sim ele está ótimo! Apenas um pequeno resfriado.

Naquele momento a rainha pediu ao cocheiro para ir um pouco mais rápido, pois estava um pouco indisposta.

Chegando ao castelo, a cuidadora do príncipe já o esperava no portão. Ao pegar a criança no colo a cuidadora indaga a rainha:

— Majestade, como está o príncipe George? Ele precisa de algum cuidado especial?

— Não! Dê somente um banho nele, o alimente e o coloque para dormir. Hoje nosso dia foi muito



cansativo.

Ao entrar no castelo a rainha se dirigiu rapidamente ao rei Arthur e por sorte o rei se encontrava sozinho na biblioteca do castelo. Ao vê-lo a rainha corre para seus braços e não contém as lágrimas. Sem saber o que estava acontecendo, o rei, com uma cara de assustado, pergunta:



— O que houve, minha rainha?

Naquele momento a única coisa que a rainha

conseguia fazer era chorar, chorar...Vendo a situação que a rainha se encontrava, o Rei manda chamar um dos serviçais do castelo e pede para trazer um copo de água com açúcar para acalmá-la. Quando o serviçal entrega o copo com água para a Rainha notou que ela estava tremendo e já sabia que algo grave estava acontecendo. O Rei imediatamente pede para ele sair da biblioteca pois queria estar a sós com sua Rainha. Quando se acalmou o Rei segura em suas mãos e olha em seus olhos e pergunta:

— Meu amor, o que está acontecendo? Nunca te vi tão aflita! Quem está precisando se acalmar agora sou eu! Me diga, me diga...

A rainha mais calma olha para o Rei e diz:

— Nosso filho, o príncipe George é cego!

Sem hesitar o Rei Arthur dá um grito!!!

— Nãoooooooooooooooooooooo!!!

Nesse exato momento os moradores do castelo tiveram a confirmação que algo de errado estava acontecendo.

**Pedro Caldas Peixoto**

#### 4. OS RUMORES

Após o grito do rei no castelo, começaram os rumores e as fofocas nos corredores.



O rei muito chocado com a notícia, e não querendo acreditar nela, pergunta à rainha:

— Como não percebemos essa situação com nosso filho mais cedo?

A rainha com ar de culpa, responde ao rei:

— Eu mesmo como mãe, presente que sou, não notei absolutamente nada de errado com ele. Quem me alertou foi a condessa Cristine, e eu a repreendi naquele momento, não querendo acreditar.

O rei pergunta a rainha:

— O curandeiro falou como podemos reverter ?

Aí a rainha responde:

— Infelizmente não, nosso filho não tem cura, ele nasceu cego.

O rei e a rainha não sabiam o que fazer. Como o futuro rei poderia reinar sendo cego?

Então assim entraram em consenso de que não iriam dar essa notícia ao reino, pois poderia colocar em jogo a coroa do futuro rei.

A única pessoa que eles decidiram contar, foi a Amélia, a cuidadora do príncipe, pois ela que passara a maior parte do tempo com ele.

Logo em seguida o rei pede para um dos guardas

do castelo, chamar a cuidadora Amélia. O guarda com ar de curiosidade e desconfiança obedece às ordens do rei.



Amélia já desconfiada de que algo de errado estava acontecendo, entra na biblioteca e indaga ao rei:

— Pois não majestade, o senhor mandou me chamar?

O rei responde:

— Sim! O que eu tenho a te dizer, é algo sério e eu exijo a sua discrição, qualquer palavra fora da biblioteca pode custar sua vida.

Ela responde:

— Sim majestade, seu pedido é uma ordem.

Então o rei Arthur conta toda a história para ela e diz que precisa de sua ajuda, para os cuidados do príncipe.

Amélia, muito triste com a notícia, perguntou ao rei:

— Majestade, como devo prosseguir com o príncipe a partir desse momento, pois essa notícia me pegou de surpresa.

O rei responde:

— Eu quero que você aja com naturalidade, pois essa notícia não será divulgada por agora. Teremos que fazer algumas adaptações no castelo, para que o príncipe possa viver naturalmente.

Dito tudo, a cuidadora Amélia se viu com uma grande responsabilidade, pois teria que fazer uma readaptação com o príncipe e teria que lidar com esse

segredo que custaria sua vida. E agora como ela lidaria com os rumores dos moradores do castelo?

*Lauriely Alves da Silva*



## 5. O INVENTOR



George crescia rapidamente e, com isso, o segredo de sua deficiência ficava mais difícil ainda de ser escondida. Então o rei decide se manifestar diante de todos:

— Povo do Reino de Urutaí, venho informar a todos que o meu filho George, é cego.

Gerando alguns cochichos e um espanto nos moradores que ali viviam:

— É impossível alguém cego liderar um reino e o seu povo.

Pois, não era nada comum alguém da realeza nascer com uma deficiência. Com o pronunciamento do rei, a comunidade se dividiu em duas partes, umas aceitaram a criança daquela forma, já outras a negaram. Isso fez com que muitos moradores do reino de Urutaí fossem embora, alegando que o reino



estaria à beira da miséria por aceitar alguém que não podia enxergar sendo o seu rei.

Com o tempo, o pequeno príncipe notou que era diferente de sua irmã e de todas as outras crianças que viviam ao seu redor. Antonieta vivia brincando no jardim, e sempre a ouvia dizer que as borboletas eram lindas, sendo que, para ele, elas não tinham cores e nem formas, na verdade, nada para ele tinha cor.



Em um certo dia, resolveu perguntar a sua mãe:

— Mamãe, por que eu estou sempre de olhos fechados?

Sua mãe querendo desviar do assunto, respondeu:

— Filho, você é especial, diferente da sua irmã e das outras crianças, você só está demorando um pouco mais para poder abri-los.

Então ele responde:

— Você está mentindo, mamãe, ouvi a senhorita Amélia dizer para a cozinheira que eu sou cego e por esse motivo, não consigo brincar com a minha irmã e nem com as outras crianças do reino.

Por cinco segundos, sua mãe prende a respiração, logo saiu correndo do quarto para contar ao seu marido, o rei, e disse:

— George sabe de toda a verdade!

Longos cinco anos se passaram depois do ocorrido, em que o príncipe descobriu que era cego, porém, isso não mudou o fato de que o pequeno George era especial, não por ter uma deficiência, mas sim por ser extremamente sábio, ágil e esperto. O

pequeno príncipe era o melhor em tudo que fazia, assim, a notícia se espalhou por todos os reinos vizinhos. De reino em reino só se podia ouvir:

— Ele será o melhor rei de Urutaí.

Já Antonieta, não se preocupava com nada e vivia fazendo suas aventuras; pulava, corria, e gritava pelos quatros cantos do reino. Tudo para ela era diversão, a qualquer hora e lugar, não obedecia a ninguém, nem mesmo a seus próprios pais.



O seu mundo era de magia e encanto. A pequena princesa adorava escalar, principalmente as árvores frutíferas, amava poder comer frutas, deitada no tronco das árvores olhando o pôr do sol. Até que um certo dia, em um dia chuvoso, ela foi descer de uma mangueira, se desequilibrou e lá de cima veio a cair ao chão, desesperada começou a gritar de dor, gritando por sua mãe:

— Mãeeeeeee, não consigo me mexer, não sinto as minhas pernas, mãe!!!

Sua mãe ligeiramente veio até ela com os guardas, a pegaram e levaram para dentro do castelo. Rapidamente o rei pediu aos guardas:

Busquem o curandeiro o mais rápido possível, isso é uma ordem!

Em um piscar de olhos o curandeiro chegou, perguntando a princesa qual o lugar que doía mais, e se ela estava conseguindo mexer todo o seu corpo, logo ela disse:

— Não consigo mexer as minhas pernas.

Pouco mais tarde, depois de ter dado alguns

remédios para diminuir a dor, e para ela dormir, o curandeiro chama o rei e a rainha para conversar em um local particular, dizendo:

Sua filha quebrou as pernas, sinto muito em lhes informar, não há nada que eu possa fazer.

Os pais de Antonieta ficaram arrasados com a notícia, sem saberem o que fazer, espalhou a notícia por todos os reinos, na esperança de que o curandeiro poderia estar errado sobre a pequena princesa.

Depois de meses à procura de um novo curandeiro, um certo inventor apareceu no reino de Urutaí, disse que poderia ajudar a Antonieta voltar a andar, não da mesma forma, mas que já ajudaria, dizendo:

— Construirei uma cadeira com rodas, para que a pequena princesa ande pelo reino outra vez.

O rei e a rainha sem pensar duas vezes que isso poderia ou não funcionar ordenou aos seus servos:

— Pegue todo o material necessário para o inventor...



**Eliseu Fernandes Correa**



## 6. A FAMÍLIA DO “B”



Passados alguns dias, a cadeira de rodas estava pronta, mas Antonieta, independente como sempre foi, não ficara muito feliz ao saber que não poderia mais correr, pular e se aventurar pelos quatro cantos

do reino como era de costume da jovem e travessa princesa.

— Bom dia, querida. – disse a doce Rainha em tom quase que de sussurro. – Você precisa sair dessa cama, comer! Veja como está radiante o dia!

Abrindo as cortinas para a luz do sol adentrar ao quarto da princesa, a Rainha empurra a cadeira até a beira de sua cama e sentada ao lado de sua filha, faz um último esforço:

— Minha filha, você não pode se esconder de tudo e todos para sempre. Vamos, Amélia já preparou o seu banho!

A jovem apenas puxou o grande e pesado edredom, se cobrindo mais uma vez, da cabeça aos pés. Com um olhar caído e quase que inundado de lágrimas, a pobre mãe se retira do quarto, mais uma vez com o sentimento de falha por não conseguir ver, nem por um único instante, o brilho que um dia habitara o rosto daquela majestosa princesa.

Era lusco-fusco, Antonieta, na sua cama, escuta um tumulto vindo lá debaixo. Bem embaixo da janela



de seu quarto, estava uma pequena praça, onde costumava brincar. Naquele dia a empolgação de algumas crianças lhe havia chamado atenção.



Mas, para chegar à janela e observar tudo de sua imensa sacada, era preciso se sentar na cadeira para que fosse possível chegar até lá. Mais uma vez, cobre a cabeça e se deita, tapando seus ouvidos com travesseiros fofinhos. No outro dia, naquele mesmo horário, as vozes continuam a penetrar seus ouvidos

e soam como afronta para ela.

Com o passar dos dias, a princesa começou a ficar cada vez mais irritada com a felicidade e principalmente com a demonstração daqueles vinte, talvez trinta minutos de alegria que se passavam ali todos os dias. Decidida a expulsar aqueles que lhe incomodavam, num belo dia Antonieta, terrivelmente irritada com a sinfonia de crianças que se passava por ali, sem pestanejar, puxa a cadeira de rodas (a qual repugnava e odiava) e segue em direção à sacada de seu quarto. Chegando perto da janela, escuta algumas crianças falando sobre uma coisa chamada “escola”.

— Hoje foi muito divertido na escola – disse uma garotinha de laços cor de rosa no cabelo. – Amanhã iremos continuar a família do “B” ...

A menina, confusa e compreensivelmente irritada (pelo seu atual estado), dá um grito estridente:

— Parem com essa gritaria, saiam daqui!!! – disse ela com os olhos fechados e as mãos agarrando bem forte a cadeira onde estava sentada, ofegante e quase que sem fôlego, como se ali tivesse experimentado o

cruel e medonho gosto de uma crise de ansiedade!

Todos que por ali passavam se assustaram com aquela cena. E o que mais chamou a atenção de todos foi o objeto no qual a princesa estava sentada. Espantados pelo estado da princesa, vários habitantes do pacato reino tiveram sua curiosidade aguçada.

— O que houve com a princesa? disse um senhor.

— E o que é aquele objeto que a transporta agora?

Ao ouvir o grande alvoroço, a rainha sobe ao quarto mais que depressa, segurando seu longo vestido azul celeste, com bordados em verde esmeralda, com pedrarias que faziam o contorno e davam o movimento para a bela e voluptuosa veste.

— O que está havendo aqui, querida?! disse ela retirando sua filha da sacada depressa para que o povo não visse mais a cena indesejada pela rainha.

— O que você está fazendo nessa janela? com um tom raivoso e de desespero, preocupada pelo que todos acabaram de presenciar.

— O que houve mamãe? Por que todos estão

felizes enquanto eu estou aqui nesse quarto, sem poder sequer me mexer?



A rainha sem reação fica em silêncio por longos dez segundos.

— Se acalme minha filha, tome seu chá! – diz a rainha, numa tentativa falha de ofuscar a agitação do momento.

— Não mamãe, estou cansada! Por que isso aconteceu comigo? – indagou com a voz engasgada

de um choro de profunda dor e decepção.

Naquele imenso quarto cheio de dúvidas e feridas, Antonieta se lembra daquilo que a garotinha de laços no cabelo havia chamado de escola e pergunta:

— O que é escola? E por que as crianças de todo o reino estavam lá? Por que a senhora nunca nos levou até lá? – a menina questionava, pois gostaria de saber o que há de tão misterioso nesse lugar, que havia deixado àquela multidão de crianças tão felizes.

A mãe, sem resposta, deixa o quarto com os olhos arregalados, assustada e sem reação pela espinhosa situação em que se encontrava.

Ainda amedrontada pelo que havia se passado no quarto, Lucineide corre até Arthur, com a esperança de que ele pudesse resolver a situação. Porém, o rei, ocupado com as funções do reino, não deu muito ouvidos ao que sua esposa disse.

— Ora, resolva esse assunto! Você é a rainha, não deixe que uma princesa mimada lhe tire dos eixos! – disse o rei, com tom de ironia e claro desinteresse. – Diga que você não a mandou porque não quis! Já está

tarde, vá descansar e resolva isso amanhã.

Termina a conversa com um beijo seco na testa. A rainha em seus aposentos, não consegue pregar os olhos pensando no cenário horroroso que havia passado naquele dia tortuoso.

Noutro dia, logo de manhã, Lucineide decide ir ao quarto de sua filha, para tentar resolver aquela grande incógnita que havia se instalado na relação das duas. Batendo e entrando suavemente no quarto ela percebe que a princesa também não havia dormido e descansado durante a noite.

— Minha filh-...

Antes mesmo que pudesse terminar a frase, a princesa indaga novamente:

— O que é escola? E por que todos estavam felizes saindo de lá? O que é “a família do B”? disse pensativa e aparentemente mais calma que antes.

A rainha tenta encontrar motivos para justificar a falha de não ter mandado nenhum de seus filhos à escola:

— Antonieta, eu não te mandaria jamais para

escola, aquele lugar é terrível! Com crianças malcriadas, cruéis e nas suas condições... Pense só o que aqueles garotos fariam com você, não posso correr o risco de que alguém machuque ou insulte meus amados filhos, vocês são tudo o que tenho. Entenda, não posso colocar vocês em risco!

Antonieta, esperta e audaz como sempre foi, rebate a mãe:

— Se esse lugar é tão ruim assim, por que todas aquelas crianças estavam felizes? Por que estavam tão ansiosos para retornar?

Naquele momento, Lucineide se enfurece, (quase como se já tivesse passado por aquela situação):

— Lá não é lugar para vocês! Vocês são diferentes e especiais para estarem num lugar cheio de pessoas maldosas, e assunto encerrado! – diz com voz revoltada e um pouco feroz.

Antonieta sagaz e muito sensível ao sentimento da mãe pergunta:

— Mamãe, você já foi à escola?

A rainha pega de surpresa, responde sem pensar:

— Já! E lá é horrível! – colocando a mão na boca pela impulsiva resposta.



Assustada com o que havia acabado de responder, Antonieta pensativa começa a entender a situação que estava acontecendo e a dor colocada na frase da mãe, respira fundo e percebe que a escola era algo que a doce rainha temia. Um medo que havia sido construído por alguma experiência ruim ou até mesmo algum outro motivo.



Sensível e doce, como era quando não estava com raiva, se aproxima da mãe sentada na sua cadeira de rodas, segura sua mão e tenta desvendar aquele mistério do medo da escola.

**Higor Henrique Brito Pacheco**



## 7. A VISITA



George, vagando pelos corredores do castelo, escuta com os seus ouvidos atentos e aguçados, a conversa entre a Rainha e sua irmã Antonieta, encostado atrás das paredes com receio de ser

notado por alguém. Assim que a Rainha se retirou do local onde estava Antonieta, George se aproxima e indaga sua irmã:

— O que vocês estavam conversando??

Sua irmã já irritada e intrigada com toda a situação responde com uma dose de raiva:

— Não se meta em assuntos que não lhe convém!!

George sábio como de costume desarma a princesa em segundos:

— Princesa, eu sei como você está se sentindo, sinto isso a minha vida toda, além de você ser princesa somos irmãos e não preciso ter bons olhos como os seus para saber que algo te aflige! Então me responda: — O que seria essa tal escola? Eu escutei vossa conversa.

A princesa sensível e abalada com voz de choro lhe responde:

— Escutei as outras crianças falando sobre um lugar chamado escola e estavam ansiosos para conhecer a "família do B", porém a Majestade diz que esse lugar não é para nós, por sermos especiais e que

lá é um lugar cruel!

George em silêncio e um tanto pensativo, se retira em direção aos seus aposentos se apoiando pelas paredes do castelo.

Após alguns dias chegara a notícia ao rei Arthur, uma visita estava a caminho, o pai da Rainha Lucineide, o Lorde Daniel, uma lenda dos tempos antigos, onde a Guerra era comum e matanças eram costumeiras, sua fama entre reinos era de que sozinho, Lorde Daniel já havia derrotado 100 soldados usando apenas duas espadas. Era temido até mesmo em reinos distantes.

O Rei Arthur e a Rainha Lucineide imediatamente ordenam preparar um banquete para o Lorde Daniel, que não o via desde que saiu em peregrinação!

Rei Arthur — preparem o maior banquete já visto neste reino, Lorde Daniel virá nos visitar!

Poucas horas após a ordem, começa uma movimentação pelo reino de Urutaí, os moradores espantados pelo que viam, e até mesmo sem acreditar que ainda velho, Lorde Daniel estava vivo e

com sua espada na cintura, vestindo uma couraça de ferro e com o rosto marcado pelas cicatrizes das guerras.

Rainha Lucineide da sacada do castelo olhando pelo horizonte vê Lorde Daniel descendo da charrete e exclama em direção ao Rei:

— Realmente este é meu pai, ele voltou para nos ver e conhecer nossos filhos, vamos recebê-lo.

Após um abraço emocionante entre a Rainha Lucineide e seu Pai em sua recepção, se direcionam ao banquete preparado com tanto empenho pelos seus serviçais...

Lorde Daniel — Estou feliz em ver o Reino de Urutaí prosperar, e onde estão os herdeiros disso tudo?

Rei Arthur pego de surpresa pela pergunta e um tanto desconfortável pela deficiência de seus filhos simplesmente baixa a sua cabeça... deixando um clima tenso na mesa onde ao mesmo tempo rainha Lucineide com o olhar de decepção tenta desviar o assunto.

Rainha Lucineide — Lorde eles estão em seus recintos, logo os apresentarei.

Após o jantar e com uma dose de coragem, a Rainha Lucineide leva Lorde Daniel até o local onde estão o príncipe George e princesa Antonieta...



Rainha Lucineide — Lorde existe algo que precisa ser revelado ao Senhor, meus filhos não são crianças comuns, preciso que não se espante com eles....

Lorde Daniel, sábio, simplesmente se mantém em

silêncio e com as mãos para trás enquanto a Rainha Lucineide abre a porta do local.

Rainha Lucineide — Príncipe e princesa, ordeno que venham para cá pois apresentarei uma pessoa importante, este é o Lorde Daniel, meu pai e avô de vocês.

Espantados e com uma dose de medo se lembrando das histórias que a cuidadora contava antes das noites de sono, responderam curvando suas cabeças.

Crianças — uma honra conhecer vossa majestade!!!

Lorde Daniel se mantém calado por longos segundos e contrariando toda sua fama de guerreiro tira sua espada da cintura e sua couraça e se senta ao lado de seus netos em uma cama acolchoada e os lança um abraço.

Lorde Daniel — Olá Crianças, não me chamem de Majestade, eu sou o Daniel ou se preferirem podem me chamar de Avô, vim especialmente os conhecer.

Rainha Lucineide um tanto espantada pela atitude

de Lorde Daniel se mantém em pé e calada.

George Refuta — então são reais todas as histórias que ouvimos?

Lorde Daniel confirma com um sorriso e uma gargalhada — sim, mas não contaram que eu faço uma ótima sopa de legumes “hahaha”.

Todos dão risadas que há tempos não haviam dado e indaga Daniel:

— Rainha, já é tarde, vá descansar, eu cuido desses dois.

Rainha Lucineide um tanto preocupada, porém, com a certeza de que seus filhos estariam em boas mãos, sai do recinto os deixando a sós.

George como que em poucos instantes indaga ao Lorde Daniel;

— Vô, o senhor já foi à escola? Sabe o que é isso? e sabe sobre a “família do B”?

Lorde — nos meus tempos não podíamos, estávamos ocupados trabalhando e batalhando, eram outros tempos e tudo mudou.

Princesa Antonieta indaga:



— Mas sabe o que é este lugar?

Lorde — mas claro, escola é um lugar brilhante, cheio de crianças brincando, pulando, se divertindo e aprendendo coisas como ler, escrever e se comunicar com outras. Aprende sobre os lugares, números e várias outras coisas.

Espantados e entusiasmados os netos ecoam um som como de espanto

Antonieta e George — UAAAAAAAAAAL

Lorde — este lugar era onde sua mãe passava maior parte do tempo em sua infância.

Antonieta — ela disse para mim que esse lugar é horrível.

Lorde — bom, sua mãe teve alguns problemas com as outras crianças, mas isso não quer dizer que é o pior lugar do reino.

George — então eu mesmo sem ver, conseguiria ir até a escola e viver como as outras crianças?

Lorde — vocês são crianças diferentes e isso é muito bom, e com dedicação vocês podem viver da forma que quiserem, sonhar e realizar, mesmo sem

ver e sem andar como as outras crianças... o importante é nunca desistirem assim como eu. Agora vão dormir porque preciso resolver assuntos do Reino.



Lorde Daniel se levanta, pega seus equipamentos e se retira deixando os netos com uma vontade extravagante de se aventurar nesse lugar chamado escola.

***Kainã Caixeta***



## 8. A MALDIÇÃO



Lorde Daniel ao se dirigir aos seus aposentos encontra a rainha Lucineide chorando em um quarto do castelo. Surpreso ele pergunta a sua filha o que acontecera, ela aos prantos responde

— Meus filhos! com toda essa situação não podemos deixá-los ir para a escola.

Lorde Daniel responde a rainha.

— Rainha tenho que lhe confessar algo.

— O que?

— É algo terrível!

— Ande fale logo, estou preocupada, exclamou a rainha em tom já apreensiva.

Então, Lorde Daniel confessa a rainha.

— Há 45 anos atrás, quando você ainda era uma bebezinha, encontrei um feiticeiro que me prometeu uma poção para ser invencível. E como não podia te

deixar sozinha eu aceitei a poção.



— Mas papai o que isso tem a ver com a situação dos meus filhinhos!

— Minha filha esse feiticeiro disse que seria lançada uma maldição em minha segunda geração. Sendo assim as deficiências deles são por conta dessa poção.

A rainha enfurecida grita com seu pai.

— Como você pôde aceitar uma barbaridade

dessa!

— Minha filha, fiz isso pensando em você.

A rainha aos prantos diz:

— Seu monstro!

E sai correndo em busca de seu marido.

— Arthur, Arthur! exclama a rainha.

— O que houve Lucineide?

Então a rainha conta todo o ocorrido ao seu marido.

Enfurecido, o rei grita aos seus guardas.

— Guardas tragam o Lorde Daniel imediatamente!

Os guardas percebendo a ira de seu rei buscam a Lorde Daniel imediatamente sem questionar.

Ao chegarem, os guardas, deixa-os a sós.

— Como você pôde? — diz o rei irritado.

**Larissa Giovanna Pereira de Lima**



## 9. O FALSO FEITICEIRO



— Como pude? Estava pensando em minha filha, disse Lorde Daniel.

— Que mentira! Você só pensa em si mesmo, você é um egoísta, exclamou o rei.

— Egoísta é você! Que não compreende meus atos, minhas escolhas, que é o melhor para todos desse reino.

— Meus filhos com deficiência por meio de uma maldição? Isso para você é o melhor para o reino? Como pôde fazer isso? É impossível entender, disse o rei com olhos cheios de lágrimas.

— Pai, saia desse reino e não volte nunca mais, se algum dia vier a tentar pisar aqui novamente terá consequências severas. — Disse a rainha com firmeza.

Os guardas pegaram Lorde Daniel pelo braço e o

acompanharam até a floresta. E quando o deixaram lá, ele disse: — Isso não é o fim, eu retornarei.

Os guardas olharam entre si com cara de desprezo, ignoraram o que disse Lorde Daniel.

Após quase dois anos do ocorrido, a família real tentava esquecer a terrível descoberta. Mas, mesmo com a dor indo embora, poucos meses antes de completar dois anos que Lorde Daniel havia sido expulso do reino, o rei adoeceu e acabou falecendo por causas naturais no dia 15 de janeiro de 1820, uma semana antes da coroação de George.

Um guarda foi ao encontro da rainha e disse:

— Rainha, uma pessoa gostaria de prestar as condolências à senhora, mas essa pessoa é o seu pai, devo deixá-lo entrar?

A rainha em um momento de fraqueza respondeu:

— Sim, deixe o Lorde entrar.

Lorde Daniel entrou na casa real e foi direto abraçar sua filha, e disse:

— Oh, minha filha, meus pêsames pelo Arthur, ele era um grande rei, pai e marido, saiba que estou aqui

para te consolar.

— Me consolar? O senhor amaldiçoou meus filhos, seus netos, por conta de egoísmo, eu o deixei entrar pois agora é um momento difícil para todo o reino, e eu não tenho tempo para mais dores.



— Sei que agora não é o melhor momento, mas depois desse tempo que fui expulso, descobri que o fato de meus netos portarem essas características, não passou de uma triste coincidência, não foi



maldição, te garanto isso. Disse Lorde Daniel com um pequeno sorriso.

— Não acredito em você, seu monstro. Disse a rainha enfurecida.

— Descobri que meu poder era mentira, eu perdi muitas batalhas, então, fui atrás do feiticeiro, e zombando de mim, falou — “Esperava mais de um homem culto como você, aquilo é ganha pão, enganando o povo com as minhas profecias”.

— Me prove, o senhor já contou tantas mentiras, como sei se isso é verdade?

Lorde Daniel chamou o guarda, e uma jaula foi ao encontro da rainha.

— Como assim? Quem é este? Disse a rainha com uma feição de espanto.

— Esse é o charlatão que enganou a mim e a muitos.

— Por favor senhor, lhe imploro piedade, me deixe viver, rainha me solte. Disse o falso feiticeiro.

A rainha com tom autoritário, mandou que os guardas jogassem o falso feiticeiro para o calabouço.



Passaram 5 meses, George foi coroado, Lorde Daniel e a rainha fizeram as pazes, e em tão pouco tempo havia mudado muita coisa, o Lorde convenceu a Rainha a deixar seus filhos frequentarem a escola. Antonieta finalmente descobriu o que era a “Família do B”, parecia estar tudo bem até que...

**Victor Hugo Lopes de Castro**

## 10. PROBLEMAS NA EDUCAÇÃO



Começaram a surgir os primeiros problemas na escola, logo depois daquela euforia inicial, George e Antonieta logo perceberam a realidade daquele lugar. O Reino de Urutaí tinha apenas um professor, que

lutava para dar conta do recado. A educação nunca foi prioridade para o antigo Rei Arthur, e agora suas escolhas estavam se refletindo em seus filhos e nos jovens de todo Reino de Urutaí.

Diferente do castelo onde vivem, a escola não tinha as adaptações necessárias para aqueles dois membros da realeza de Urutaí. Além disso, o fato deles serem da família real, e George ser o Rei sempre atraem muitos olhares curiosos e críticos.

E embora a escola fosse um lugar que atizou a mente daqueles dois por muito tempo, a realidade era outra, e isso os frustrou bastante. principalmente George, que sendo Rei, mesmo de maneira precoce, sabia de suas responsabilidades com as pessoas e com aquele Reino e, sabia da necessidade de mudar aquela situação.

Rei George em busca de um conselho, encontra seu avô, Lorde Daniel se preparando para uma grande jornada pelos reinos vizinhos e explica toda situação para ele.

E o Lorde diz:

— George, você se tornou Rei muito cedo, e agora tem seus afazeres e deveres com o Reino. Você passou grande parte de sua vida no castelo e deixou de viver e aprender muitas coisas que seriam necessárias para você nesse momento. Venha comigo nessa minha jornada, para poder aprender e poder fazer o que acha certo no Reino de Urutaí.

Rei George sabia que precisava amadurecer como pessoa e como Rei para que pudesse fazer as devidas mudanças no reino, então não hesitou em aceitar o convite, e lá foram os dois... enquanto isso o reino ficou aos cuidados da Rainha e da princesa Antonieta.

**Vinícius dos Reis Paiva**



## 11. A LONGA JORNADA



Então, assim saindo por outros reinos distantes, conhecendo pessoas e culturas diferentes, paladares diferenciados, George através dos seus sentidos ficava entusiasmado a cada parada que eles faziam.



Em um certo dia em uma estadia em um reino distante, George veio a questionar.

— George, avô Lorde, neste reino tem escola?

Lorde Daniel respondeu:

— Sim, George.

— Posso ir conhecer? Perguntou George.

Lorde Daniel respondeu:

— Claro meu neto.

A caminho da escola, o rei George de cabeça baixa permaneceu calado, vendo a cena, o seu avô o questionou.

— O que foi George? não está feliz por estar indo conhecer a escola?

George respondeu:

— Estou sim!

— E o que está incomodando meu neto? Por que está triste? Questionou Lorde Daniel.

George respondeu:

— Sabe o que é vô, estamos viajando por vários reinos há meses, nenhum me chamou atenção até agora, não aprendi nada de novo que eu possa estar

levando para o meu reino, me sinto frustrado.

— Se acalme meu neto, não precisa se frustrar, temos muito o que conhecer ainda e com sua garra e força de vontade tenho certeza de que levará grandes frutos da nossa jornada.

Chegando então à escola foram muito bem recebidos, George se sentiu muito acolhido. A diretora, pensando que George estaria ali para estudar, apresentou a escola ao rei e mostrou todas as vantagens que ele teria se estudasse ali, pois a escola era adaptada para receber pessoas com deficiência visual entre outras deficiências também.

Logo, George pensou na princesa, sua irmã, o quanto ela ficaria feliz se no reino deles tivesse uma escola adaptada a eles e a outras crianças que habitavam o reino de Urutaí com as mesmas deficiências que eles.

No caminho de volta, George já estava muito mais animado e cheio de ideias, nem parecia aquele garoto frustrado. E pensando em como levaria isso com ele parou e falou:



— Meu avô, deixe-me estudar lá, tenho várias ideias, mas poucos conhecimentos para colocar essas ideias em prática.

Ficando pensativo o Lorde respondeu:

— Claro, George, se essa é sua vontade, vamos passar uma temporada aqui para você estudar.

Foi a melhor decisão do rei George, a de ficar naquele reino, pois o rei desde sempre foi muito esperto e inteligente, e com um pouco de esforço, logo conseguiu acompanhar a turma e até passar deles.

Todos os professores ficaram impressionados com a inteligência, com a facilidade e a rapidez em que o garoto aprendia. Logo descobriram que ele era um garoto prodígio e dentro de 3 anos George se formou.

Depois de sua formatura o seu avô o questionou:

— E agora, George? Vamos voltar?

Respondeu George:

— Meu avô, adquiri muito conhecimento e até me formei, nunca tinha imaginado isso na minha vida, quero sim levar isso ao meu povo, mas ainda não me

sinto preparado para voltar.

Pensativo Lorde Daniel respondeu:

— Tudo bem George, pode ficar, você é jovem e forte, aprendeu muito durante esse tempo e tem muito que viver ainda, estou velho e fraco, por isso retornarei para o reino de Urutaí.

Concordando com o que seu avô falou deu-lhe um abraço de despedida e disse:

— Adeus meu avô, que em breve possamos estar juntos novamente, leva para mamãe e para minha querida irmã um abraço meu e fala pra elas que além da escola também conheci a universidade onde quero entrar, pois quero me tornar um professor e só assim retornarei ao meu reino.

*Amanda Rodrigues de Almeida*

## 12. O ÚLTIMO PEDIDO

Chegando ao reino de Urutaí, Lorde Daniel, recepcionado por Lucineide, descobre que sua neta, princesa Antonieta está enferma e acamada e não encontraram cura.



A princesa pede para seu avô Lorde Daniel realizar dois pedidos caso ela viesse a falecer: um é a entrega de uma carta, bem embalada dentro de uma caixa trancada, onde há um segredo que irá decepcionar sua mãe. Mas, resolveu contar para sua mãe através dessa carta, que somente seria entregue após sua morte; O segundo pedido, é que seu avô pudesse entregar um colar ao seu irmão.

Antes de partir, princesa Antonieta faz um último pedido ao Lorde:

— Me conte uma história, vovô!

Imediatamente, Lorde Daniel inicia sua história...

— Havia uma princesa muito bonita, no reino de Catalão chamada Nati Natini Natie Lohana Savic de Albulquerque Pampic de la Tustuane, mais conhecida como Danusa Deise Medly Leona Meiry Cíbele de Bolda de Gasparri, a mulher jamais falada, a menina jamais igualada, conhecidíssima como a noite de Paris, poderosíssima como a espada de um samurai. Ela não é a Graziele do corpo dourado, e sim Leona da cor do pecado". E era uma princesa muito bonita,

porém rebelde, acordava todos os dias às 8 horas para ir trabalhar em uma casa de chá e sempre procurou saber mais. Começou a estudar remédios para curar sua família de uma doença, que nenhum médico sabia o que seria, e ela aflita fez um chá com ervas minuciosamente escolhidas, onde foi notável a melhora de sua família e os médicos com raiva a expuseram para a sociedade e para o rei como uma bruxa. Foi acusada de bruxaria, julgada e condenada à fogueira. Toda sua família foi caçada e abatida como animais, deixando apenas o filho chamado Tristan, que foi escondido para escapar do povo enfurecido.

E Lorde Daniel, antes mesmo de terminar sua estória fantasiosa percebeu que sua neta Antonieta adormeceu plena com um lindo ar de vida e jovialidade em sua face. Veio a falecer como se não houvesse contraído nenhuma enfermidade. E Lucineide, sua mãe e rainha decretou uma semana de luto em homenagem a Antonieta.

Lorde Daniel ordenou aos guardas que

mandassem a mensagem do falecimento para George, que já não via sua irmã há um certo tempo.

***Emanuel Braga do Nascimento***



### 13. O REGRESSO



Rapidamente a mensagem do falecimento de Antonieta chegara aos ouvidos de George. Que não hesitou e rapidamente se dirigiu ao Reino de Urutaí para ficar ao lado de sua mãe Lucineide e seu avô Daniel.

Assim que o rei George chegou ao Reino, sua mãe e seu avô fizeram feição de espanto com a chegada dele, porque ainda que fosse um momento de tristeza, George havia decidido permanecer noutro Reino para focar em seus estudos.

Então, Lorde Daniel, o questiona:

— O que faz aqui meu neto?

George responde:

— Vovô, eu tive a oportunidade de conhecer a escola, onde aprendi muito, mas, não poderia deixar minha mãe passar por mais uma perda em nossa

família sem estar ao seu lado...



Emocionado, Lorde Daniel o indaga:

— Mas meu neto e seus estudos, seus son...

Antes que o avô pudesse concluir a frase, George o interrompeu, dizendo:

— Algumas vezes, nem tudo sai como planejamos vovô. Um exemplo disso, é a minha deficiência visual desde que me entendo por gente e a limitação adquirida por minha falecida irmã Antonieta ao longo



de sua vida.

Lorde Daniel, profundamente abalado com o que acabara de escutar, replica:

— E agora?

— Agora vovô? Agora irei aproveitar tudo o que aprendi ao longo desses anos e finalmente colocar em prática em nosso Reino, práticas estas que necessitam ser tomadas imediatamente, visto que é algo tão essencial e que nunca foi dada a devida atenção antes.

Com brilho nos olhos com o que acabara de escutar, Lorde Daniel abraçou o rei George imediatamente para demonstrar seu entusiasmo e chamou sua filha Lucineide para juntos, darem a notícia a ela. Assim como realizar os últimos pedidos de Antonieta, a entrega do colar de seu irmão e da carta destinada à Rainha Lucineide.

**Nicolas Dias de Melo**

## 14. ESTE É O NOSSO REI

A rainha, ainda atordoada com toda a situação, repousava em seu quarto. De repente, escuta dois toques suaves em sua porta...



Toc... Toc...

A rainha levanta e direciona seu olhar à porta, onde avista George.

— Entre meu filho! - Exclama a rainha sentando-se na cama.

George, vagorosamente entra no quarto de sua mãe e senta-se com ela.

— Como você está, mamãe?

— Ainda tentando administrar tantas informações, mas feliz que você está aqui comigo.

— Imagino, mas não se preocupe. Começarei a pôr em prática tudo que aprendi enquanto estive fora, e farei tudo em homenagem à minha irmã.

A rainha abre a carta deixada por Antonieta, e para sua surpresa, continha um pedido:

— Mamãe, permita-se perdoar a escola! Sempre tive o sonho de estudar.

Após a semana de luto, decretada pela rainha, George, que passou esse tempo planejando e elaborando as futuras mudanças do reino, convocou uma reunião imediata com todos do reino. Naquele mesmo dia, todos estavam ansiosos pelo

pronunciamento do rei, afinal, aquela seria a primeira aparição de um membro da realeza após o trágico acontecimento.

— Boa tarde a todos e a todas! Venho aqui, em nome de minha família dizer que estamos muito tristes com tudo que aconteceu recentemente. Mas, o nosso reino precisa andar!!! Dito isto, após conhecer outros reinos e pensar sobre a atual situação do reino de Urutaí, declaro que minha primeira ação é a mudança no ensino deste reino, precisamos de mais escolas, mais professores, escolas adaptadas como as que vi além dos muros desse reino. Precisamos que todas, repito, TODAS as crianças desse reino possam ter acesso à educação assim que atingirem idade de entendimento, e que possam ser incluídas em todas as atividades que esse momento especial possa proporcionar. Farei isso em nome de minha irmã, Antonieta. Que me despertou a curiosidade de conhecer uma escola, lutou para que pudéssemos frequentar uma e sonhou com uma escola que atendesse suas necessidades, e as minhas.

Fervorosos, os povos que ali estavam a escutar o rei, proclamam:

— Este é o nosso rei! – disse uma mãe acompanhada de seu filho.



— Eu disse que ele seria o melhor... - exclama um senhor sorridente.

*Yasmim de Oliveira Moreira*

## 15. SONHOS REALIZADOS



Logo após sua proclamação, o rei ordenou que começassem a construir as escolas, que fossem adequadamente adaptadas às necessidades dos moradores do reino. Seis meses depois do início das

construções, as escolas já estavam aptas a receber os alunos do reino, todos estavam empolgados e felizes com as mudanças que aconteceram ali.

O rei George e sua mãe estavam presentes na inauguração das novas escolas, saudados por todos, eles aparentavam estar felizes e realizados com suas conquistas e realizações dos sonhos de Antonieta.

Duas novas escolas foram construídas, elas chamavam-se Escola Alteza Antonieta de Urutaí e Escola Rei Arthur, em homenagem aos falecidos que tanto fizeram pelo reino.

Daquele momento em diante, todas as crianças do reino começaram a frequentar as aulas, tanto das novas escolas, quanto da escola antiga, que foi reformada para que também atendesse as necessidades de todos. Com o aprendizado contínuo que acontecia dentro das escolas, as crianças traziam aos pais novos conhecimentos, que aplicavam em suas vidas diárias no campo e no ambiente de trabalho, o que fez com que o reino de Urutaí se tornasse o mais bem sucedido dos reinos, mais feliz e

próspero por meio da Educação.



Assim, todos viveram felizes para sempre!

*Lucas Marques Guimarães*



## COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

### Comentário 1

Com olhos cheios de lágrimas ao finalizar a leitura dessa obra, lembrei de alguns professores que passaram em minha vida.

Sempre teve aquele professor que me deixou livre e apostou em minhas habilidades mais que tudo, durante o meu processo de aprendizado. Outros apenas me disseram o que era para ser aprendido. Mas, com o passar dos anos mais uma vez me surpreendo com aquele que se chama Lorde Daniel Valério Martins, que não apenas nos ensinou sobre uma disciplina, mas ensinou que o Rei George existe em cada um de nós, que somos alunos da vida em um reino chamado mundo, e que realizamos sonhos de nossa geração passada e preparamos para a geração futura.

Foi uma honra comentar esse livro emocionante dos meus colegas. E enfatizo: que, “enquanto alguns fazem provas meus colegas e eu fazemos livros"! Para

que assim vivamos felizes para sempre!

**Adriele do Nascimento Melo**

Aluna especial do Mestrado em Ensino para a  
Educação Básica – PPGNEB IF Goiano.

## Comentário 2

Fascinante historia que atrapa desde un inicio y que invita a la reflexión y análisis en materia educativa, social y política. Resulta ser bastante legible, ya que a lo largo de los capítulos produce diversas emociones que mantienen la atención y curiosidad del lector.

Es visible como cada uno de los autores desde su perspectiva, aporta un giro inesperado e interesante en la historia. Las imágenes trasladan a las escenas de los hechos, haciéndolo factible para el público de todas las edades.

Como profesionales de la Educación, los casos de discapacidad de George y Antonieta, nos lleva a plantearnos la importancia de una educación inclusiva, ver a la diversidad como una oportunidad de aprendizaje y no como un obstáculo, hoy en día debemos aprender a apreciar esa diversidad en el aula haciendo frente y atendiendo las diferentes necesidades educativas especiales de los alumnos; “George era especial no porque tenga una

discapacidad sino porque era extremadamente inteligente”, es por ello que siempre debemos apostar a una formación integral: social, emocional, cognitiva y motriz.

Cabe destacar que la historia refleja el papel fundamental de los padres en la educación, como lo menciona Higor “A veces los miedos son el resultado de una mala experiencia”, y muchas veces estos miedos de los padres arrastran a los hijos, de ahí la importancia del docente como mediador.

La educación es un derecho universal, y las decisiones políticas afectan o benefician a la sociedad en materia educativa, de ahí la importancia de elegir a un buen líder.

La obra muestra el poder de la educación llevándonos a reflexionar sobre sus prácticas, motivando a las nuevas generaciones de profesores para que hagan una diferencia enfrentando los retos actuales que una educación inclusiva implica.!

**Luz del Alba Rincón Méndez**

Doctoranda en Ciencias Sociales - USAL  
Licenciatura en Educación – México, BECENE

### **Comentário 3**

“Enquanto alguns fazem provas, vocês fazem livros.” Assim inicia a apresentação desse livro e não é vão que esse comentário ecoou durante a Semana Pedagógica do IF Goiano do Campus de Urutaí. Afinal, quando escrevemos um livro deixamos registradas as nossas ideias, críticas, sugestões, inquietações por várias gerações.

Ao ler o livro “Um caderno para as ideias na Educação do Reino encantado de Urutaí: sonhos de Antonieta”, deparei-me com personagens fictícios de uma narrativa tão real aos nossos dias atuais, que seria capaz, até mesmo, de renomeá-los. Contudo, seguimos fiel ao conto compreendendo que os autores-alunos desse, tinham um objetivo claro e louvável de nos fazer refletir, não somente sobre a educação de nosso país nos tempos atuais, mas também sobre nosso papel de cidadão na busca pelas mudanças.

Quantas mulheres e homens ao ler esse conto se identificarão com a Rainha Lucineide e o Rei Arthur

que não aceitam que seus filhos possam ser “diferentes”? Muito pela falta de conhecimento, mas ainda, também, pelo preconceito imposto pela sociedade.

Quantas serão as crianças que ao ler esse conto não se reconhecerão como a Princesa Antonieta e o Príncipe George? Sofrendo por não entenderem os motivos de serem rejeitados ou excluídos socialmente por serem “diferentes” dos padrões impostos pela sociedade, muitas vezes sendo limitados, até mesmo, a terem acesso à educação.

Quantas professoras e professores se identificarão com o único professor do Reino de Urutai por terem que trabalhar em condições precárias, sem uma formação adequada, pois os governantes não investem em educação.

Sim, caríssimos leitores, essa é uma história de ficção que retrata a realidade atual de nossas escolas, de nossos governantes e que, graças ao olhar sensível desses autores-alunos podemos refletir sobre o que cada um de nós está fazendo (e pode fazer) para

mudar essa situação.

Que possamos contar com muitos Reis Georges em nossa vida que, inspirados em Princesas Antonietas, buscam fazer a mudança em nossa educação, incluindo a todos em prol de uma educação de qualidade, pública e para todos.

**Vinicius Martins Varella**

Professor da Universidade Federal da Paraíba-UFPB

**Henrique Martins Varella**

Estudante da Licenciatura e Bacharelado em  
Enfermagem pelo CCS/ Universidade Federal da  
Paraíba-UFPB

## **Comentário 4**

Um conto de fadas escrito no Sec. XXI não perde o seu encanto quando é escrito por jovens que ainda acreditam que a educação é e sempre será a grande mola propulsora capaz de transformar pessoas e de mudar o mundo! As questões socioculturais, étnico-raciais e as relações familiares são abordadas na história de forma leve, simples, mas repleta de significações e reflexões em cada um desses temas.

Escrita por alunos do curso de Educação Física, nos mostra que cada um pode contribuir com o seu conhecimento de mundo, seu aprendizado e ensinar aos outros que, apesar de infortúnios ao longo de nossa existência, há momentos para comemoração.

"Um caderno para as ideias na Educação do Reino Encantado de Urutaí: sonhos de Antonieta" é leitura obrigatória para quem também acredita na transformação do mundo pela educação. Uma história apaixonante, com um desfecho encantador!

**Silvania Márcia Bezerra Viana**

Professora da Universidade Federal do Piauí



## Comentário 5

KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK

Começo este texto assim... gargalhando muito, gargalhando alto e, portanto, lembrando do meu pai, quem dizia que eu era a dona da maior gargalhada. E por que me pego com esse sorriso solto? Logo que comecei a leitura do conto “*Um caderno para as ideias na Educação do Reino Encantado de Urutaí: sonhos de Antonieta*” me identifiquei com a rainha Lucineide, nome diferente para uma rainha, mas comum no nordeste do Brasil, conheço várias mulheres, além de primas com esse nome. Bem... e por que me identifiquei? Assim como a rainha Lucineide demorei para ser mãe, quando depois de mais de 10 anos de uma união estável e já próximo aos 40 anos fui presenteada com a gravidez da Renata, minha primeira filha viva, fiquei muito feliz apesar de não ter pulado ou gritado de alegria como fez a rainha.

Além do tempo demorado para o primeiro filho, também demorei para saber o sexo do meu bebê. Numa coisa invejei a rainha: queria ser mãe de

[illegible]

Mais identificações surgiram, como o sentimento de culpa que como mãe sentimos ao não perceber logo quaisquer problemas dos filhos, ou mesmo quando em um piscar de olhos, acidentes acontecem. Enfim, esse livro uma vez mais me faz recordar, que a maternidade foi minha maior universidade.

Fiquei triste no capítulo 12, fui surpreendida com

a morte de Antonieta. Por que matar a protagonista da história? De início me trouxe um sentimento de insatisfação com a decisão do autor, mas logo me fez refletir sobre a questão de ser a morte a coisa mais certa que temos na vida. E pensando na escola e todo o tabu que ainda rodeia o tema da morte, me fez recordar uma investigação que conheci na Espanha sobre a pedagogia da morte, que visa preparar a escola para assumir a temática do luto como algo natural. Além dessa, conheci também e lembro muito bem a data, porque foi exatamente um mês após a morte de meu pai (13.11.2019) fui para o lançamento do livro *“Luto en colores: repensar la muerte para celebrar la vida”* e simplesmente fiquei bastante tocada com a obra. A mensagem desse e dos capítulos seguintes, ou dos episódios de morte da história é essa, especialmente na fala do rei após a perda de sua irmã Antonieta quando diz: Mas o nosso reino precisa andar!!! Assim é... depois da morte de nossos entes queridos, a vida sempre continua para os que ficam, e se guardamos aquilo que de melhor

nos tenham dado, ameniza a dor e nos ajuda a celebrar nossa vida.

Gostei muito da criatividade dos autores de mesclar família e seus conflitos com escola e as necessidades presentes nela, sonhos e as realizações desses. Considero que, tratar da escola como um espaço onde deve acontecer a inclusão de diferentes, independente de que essas diferenças sejam por deficiências, classes sociais, cor de pele, entre outras; falar de crenças, da morte, da importância de valorizar a escola desde casa, foram discussões muito bem concatenadas e que certamente abrirá de alguma forma os olhos do leitor, além de conseguir que esses se espelhem, como foi meu caso em muitas situações. Obrigada pela oportunidade de participar de tão belo trabalho.

**Racquel Valério Martins**

Profa. Visitante FAIND-UFMG / Dra. em Educação  
USAL.

## Comentário 6

Favorecer a criatividade e a liberdade de expressão nas práticas pedagógicas faz-se imprescindível em tempos de intensos desafios e complexidades socioculturais, políticas e econômicas. “Um caderno para as ideias na Educação do Reino encantado de Urutaí: Sonhos de Antonieta” nos transporta ao tapete mágico voador que liga o mundo visível ao invisível, à lâmpada mágica de Aladim, aos símbolos, arquétipos e magia dos Reinos encantados das estórias infantis. A fantasia tem a função essencial de preservar a integridade da nossa personalidade em um contexto muitas vezes intolerável e ameaçador. A identificação com os nobres personagens nos permite projetar nossos sonhos, anseios, desejos e, assim nos autorrealizamos de forma representativa. Os Sonhos de Antonieta nos reconectam à nossa criança interior e de mãos dadas brincamos no Mundo do Faz de Conta, onde acionamos as memórias empoeiradas das alegres e inocentes brincadeiras da infância. A

doce aventura nos conduz a reeditar sensações, emoções e significados que permeiam a subjetividade e memória histórica coletiva constituintes da nossa psiquê. Conhecer a avaliação materializada através da construção de textos oportunizou a imediata identificação com ferramentas utilizadas ao longo de 20 anos de docência, tendo sempre optado por avaliações participativas, dinâmicas que favoreçam o processo grupal. Dramatizações, rodas de conversa e vivências promovem a interlocução, a rotatividade dos papéis no grupo e a produção compartilhada de experiências. Piaget afirma que o conhecimento requer a ação e só aprendemos o que tem significado para nós. Na educação centrada no estudante de Carl Rogers os dons, talentos e potencialidades expressam-se naturalmente na pessoa. Henri Wallon enfatiza o papel da afetividade na aprendizagem na psicogênese da pessoa completa. Vygotsky, por sua vez, aborda a dimensão social, histórica e cultural do desenvolvimento humano. Estes influentes teóricos

da Psicologia da Educação são unânimes ao privilegiar as interações e seus respectivos pressupostos estão claramente contemplados nas ideias para mudar o mundo através da educação. Prazer indescritível e imensa alegria participar da relevante Coleção Cadernos de Ideias para Mudar o Mundo, felicito os organizadores Daniel e Ruan e a todos os autores e autoras por descortinar este fascinante universo.

**Euzelene Rodrigues Aguiar**

Professora da Universidade do Estado da Bahia –  
UNEB / Doutora em Psicologia USAL.

## **Comentário 7**

### **LEITURA INCLUSIVA É PURA FELICIDADE.**

Falar de Educação, Educação inclusiva, democrática e libertária é uma felicidade.

Penso que falar de obras que possam contribuir com reflexões acerca de práticas pedagógicas inclusivas que transformamos vidas, que prima por alunos “escritores e pesquisadores” dos problemas socioculturais de seus entornos é uma felicidade redobrada.

Penso, na linha do que advoga Paulo freire, que nossas práticas precisam ser ajuizadas por nossas teorias e não o contrário. Penso que o resultado de nossas práticas serão sempre resultados felizes se nossas teorias forem apenas e tão somente o alicerce dessas práticas e que a leitura seja para todos, por todos e de todos.

Precisamos pensar o quão distantes estamos da escola, do Chão da escola, precisamos pensar em inclusão e democracia!

Penso que nem todes estão incluídos nos sistemas



miXologicos dos multimeios e da rede mundial de computadores! Precisamos desconstruir discursos homogeneizadores! Temos leitores diversos e suportes diversos na contemporaneidade, mas também temos quem não tem nem o que comer, nem o que vestir, nem perspectivas! Temos quem esteja fora da escola mesmo dentro dela! Temos alunos no sexto ano sem saber ler! Temos escolas sem livros, apenas com o livro didático! Temos alunos nas escolas pela merenda! Como única refeição diária!

A desigualdade é nosso maior abismo! Que as Academias sigam pensando na transformação, na democracia e na inclusão. Que esse livro organizado por Daniel Valério e Ruan Rocha, seja mais um alento no abismo das desigualdades de leitura e de leitores.

Mergulhemos no rio caudaloso da Leitura.

**Gicelma Chacarosqui**

Prof. da FALE da Universidade Federal da Grande  
Dourados – UFGD / Doutora em Comunicação e  
Semiótica pela PUC-SP.

## Comentário 8

O livro *Um caderno para as ideias na Educação do Reino encantado de Urutaí: Sonhos de Antonieta*, organizado pelos professores Daniel Valério Martins e Ruan Rocha Mesquita é uma coletânea de textos que tem como ponto central a preocupação com o desenvolvimento do ser humano. É uma obra inspiradora que mergulha em temas que proporcionam reflexões sobre as práticas pedagógicas do dia a dia presentes na Educação Superior.

Escrito com sensibilidade por várias mãos que compõe o 3º período do curso de Educação Física do IF Goiano do Campus de Urutaí, um conjunto de contos que proporciona uma leitura envolvente para estudantes e professores, e também para quem é encantado pela leitura, uma vez que, os contos nos levam a explorar o imaginário.

Através do livro, é perceptível a importância de nutrir os sonhos proporcionados através da educação, explorando através dos contos e das

imagens que ilustram a obra, este traz uma conexão entre o desejo de transformação das práticas pedagógicas. Uma leitura fundamental para alunos e professores que desejam repensar as relações pedagógicas no ambiente de aprendizado.

**Daniel Junior de Oliveira**

Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás – PUC-GO. Professor da  
Faculdade de Inhumas-FacMais.

## Comentário 9

É com grande satisfação que comento este livro, colhido como fruto de cadernos de ideias para mudar o mundo, ideia surgida durante a experiência do Professor Daniel Valério na graduação em Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em particular no componente curricular do seminário temático, onde tive a oportunidade de me aproximar do professor Daniel Valério e ser uma das autoras da primeira obra dessa ideia inspiradora. Essa vivência proporcionou-me experiências únicas no curso, demonstrando na prática o fazer pedagógico.

Este livro surge para afirmar a transformação que ocorre na sala de aula quando somos proporcionados com a liberdade de expressão. Nesse movimento de reflexão e ação da prática pedagógica, ele reafirma cenários complexos em diferentes dimensões políticas, educacionais, sociais e históricas, com um viés sociopolítico que traz à luz classes frequentemente negligenciadas há décadas.

Com uma escrita leve, audaciosa e envolvente, a

leitura da obra *Um Caderno para as ideias na Educação do reino encantado de Urutaí: sonhos de Antonieta*, nos cativa e nos coloca em uma posição de leitores ansiosos pelo seu desfecho, que nos surpreende de maneira gratificante. A obra está bem estruturada, abordando aspectos de todas as esferas que nos envolvem no cotidiano, com a intenção de romper com as construções sócio-históricas e dar oportunidades aos menos favorecidos, posicionando-se contra políticas nacionais que favorecem apenas uma pequena parcela privilegiada da sociedade.

Este livro proporciona um conhecimento significativo, produzido no enfrentamento da vida real. Portanto, é uma leitura extremamente importante para percebermos o quão dialógico e problematizador ele é, no que diz respeito aos saberes e fazeres na integração e formação cidadã.

Desejo que os leitores se sintam inspirados por esta obra, assim como eu me senti, e que possamos avançar juntos nessa jornada de transformação, reafirmando a importância de dar voz aos cenários

complexos que permeiam nossa sociedade.

Que este livro seja uma contribuição valiosa para a educação e para a construção de um futuro mais justo e inclusivo.

**Rosângela Soares Xavier**  
Pedagoga/UFPB.

## POSFÁCIO

Um caderno para as ideias na Educação do Reino encantando de Urutaí: sonhos de Antonieta é uma leitura que desperta muitas emoções. É uma história construída com episódios que nos coloca em contato a fragilidade humana e ao mesmo tempo, com um ímpeto de seguirmos adiante frente aos obstáculos da vida. Como toda boa história, experimentamos através dos personagens a alegria, a tristeza, a frustração, o desamparo e a coragem.

Os personagens Antonieta e Arthur trouxeram a temática da educação inclusiva e das relações étnico-raciais. E isso fez com que o conceito de alteridade atravessasse toda a obra, nos convidando a fazermos o exercício de nos colocarmos no lugar do outro. Um outro que pode apresentar várias particularidades com ou sem deficiência física ou intelectual.

No decorrer da leitura me deparei com a pergunta que Antonieta fez a sua mãe: O que é escola? Alguns poderão dizer que é uma instituição onde pessoas aprendem a ler e a escrever. Certamente isso também

é uma função da escola. Mas eu me afino com a resposta que Paulo Freire escreveu em forma de poema: “A escola é...” o lugar que se faz amigos.

Essa obra desvela que é na escola que podemos conhecer outros “reinos”, ou seja, outras culturas, outros povos, outras formas de estar e de interagir com as pessoas com e no mundo. É na escola que podemos construir através da educação inclusiva, relações humanas enlaçadas pelo reconhecimento e o respeito das diferenças entre pessoas.

**Regiani Magalhães de O. Yamazaki**  
**Universidade Federal da Grande Dourados-**  
**UFGD**



## SOBRE OS AUTORES

**Amanda Rodrigues de Almeida** - Graduanda em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

**Eliseu Fernandes Correa** - Técnico em Informática pelo IF Goiano - Campus Urutaí e Graduando em Educação Física pelo IF Goiano Campus Urutaí - no 3º Período do curso.

**Emmanuel Braga do Nascimento** - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

**Higor Henrique Brito Pacheco** - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período de Educação Física

**José Manuel De Azevedo Pedrosa** - Técnico Em Informática pelo IF Goiano - Campus Cristalina e Graduando em Educação Física IF Goiano Campus Urutaí- 3º Período do curso de Educação Física.

**Júlio Rafael Assunção de Faria** - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

**Kainã Caixeta** - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

**Larissa Giovanna Pereira de Lima** - Graduanda em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

**Lauriely Alves da Silva** - Graduanda em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

**Lucas Marques Guimarães** - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

**Nicolas Dias De Melo** - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período de Educação Física.

**Pedro Caldas Peixoto** - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

**Victor Hugo Lopes de Castro** - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

**Vinicius dos Reis Paiva** - Graduando em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período do curso.

**Yasmim De Oliveira Moreira** - Graduanda em Educação Física pelo IF Goiano - Campus Urutaí - 3º Período de Educação Física

## **SOBRE OS ORGANIZADORES**

### **Daniel Valério Martins**

Pós-doutor em História Indígena pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC, Pós Doutor em Inter e Sobreculturalidade pela Universidad Intercultural Indígena de Michoacán, Pós-doutor em Direitos Humanos pela Universidade de Salamanca, Doutor em Educação pela Universidade de Burgos, Doutor em Antropologia pela Universidade de Salamanca. Professor no mestrado de Antropología de Iberoamérica – MAI da Universidad de Salamanca – USAL, professor no Programa de Pós-graduação em Educação e Territorialidade – PPGET da Faculdade Intercultural Indígena – FAIND da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD e professor visitante no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino para a Educação Básica – PPGNEB do Instituto Federal Goiano – IF Goiano.

E-mail para contato: [jjfadelino@hotmail.com](mailto:jjfadelino@hotmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5153427373291259>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0777-9750>

### **Ruan Rocha Mesquita**

Bacharel em Sistemas e Mídias Digitais pela Universidade Federal do Ceará – UFC; Membro do NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IF Goiano; Membro do Grupo Salamanca de Investigación en Antropología Indigenista y Educación Intercultural – GSIAIEI e

Organizador das três edições do CIELCULTT – Congresso Internacional sobre Educação, Língua, Cultura e Territórios, desenvolvidos durante o mês de abril dos anos de 2021, 2022 e 2023 na Universidade Federal da Grande Dourados e Instituto Federal Goiano.

E-mail para contato: [rocharuan@live.com](mailto:rocharuan@live.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7753165415346540>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0766-2133>



Coleção Cadernos de Ideias para Mudar o Mundo



ISBN 978-65-89779-01-8



9 786589 779018 >